



**SEJA  
HOMEM**



**JJ BOLA**  
PREFÁCIO EMICIDA

**A MASCULINIDADE  
DESMASCARADA**

# SEJA HOMEM

JJ BOLA

Tradução de Rafael Spuldar

## A MASCULINIDADE DESMASCARADA

Porto Alegre



São Paulo · 2020

# Índice

Prefácio

Emicida

Introdução

Sem máscara: o que significa ser um homem

Capítulo 1

Homens de verdade: mitos da masculinidade

Capítulo 2

Símbolos de grupo e oração: violência masculina, agressão e saúde mental

Capítulo 3

O que o amor tem a ver com isso? Amor, sexo e consentimento

Capítulo 4

Este mundo é dos homens: a política da masculinidade e a masculinidade da política

Capítulo 5

Se eu fosse um menino: igualdade de gênero e feminismo

Capítulo 6

Vejo você na encruzilhada: intersecções da masculinidade

Capítulo 7

O submundo das DMs: masculinidade na era das redes sociais

Capítulo 8

Campeonato de enterradas: masculinidade e esporte

Conclusão

O homem no espelho: transgressão e transformação

Referências e indicações

Sobre o autor

Notas

Créditos

# EMICIDA PREFÁCIO

A palavra violência, cujo significado vem do latim *uiolentia*, no sentido de veemência, impetuosidade, está ligada, em sua origem, ao termo *uiolare*, que, por sua vez, significa violação. É bastante comum, por isso, compreendermos como violência um ato característico daquele que age com força, uma definição que, inclusive, está presente em muitos dicionários. Esta associação frequente entre violência e força acaba criando um cenário no qual ambas são compreendidas como sinônimos, quando, na verdade, podem ser manifestadas de formas completamente diferentes, até antagônicas, dentro de uma interpretação que, para piorar, também nos afasta do sentido primário do termo — o ato de violar.

Minha experiência pessoal, o lugar de onde percebo a realidade, me faz hoje refletir sobre a violência não somente como um ato, mas como uma linguagem. Uma linguagem que tem sua gênese no desagradável encontro frequente com atos de violência das mais variadas formas: físicos, psicológicos, estatais, domésticos e urbanos. A frequência e até a sobreposição constante desses (des)encontros faz com que episódios de violação sejam absorvidos e incorporados, mesmo quando somos meros observadores de tais episódios em nossa rotina — o que não faz com que eles sejam irreais. Ainda que a violação, no momento em que ela se dá, possa acontecer sem sequer ser percebida por suas vítimas, ou até mesmo por seus praticantes, ela existe, ela continua a existir.

Pois é. Paulo Freire dizia que, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se transformar em opressor. Então, é como assistimos naquela cena de *A cor púrpura*, onde a sempre vilipendiada

Celie, interpretada pela fantástica Whoopi Goldberg, observa seu agressor em uma situação de indignação extrema causada por outra mulher e termina por sugerir, com o sorriso mais dolorido da história da arte, a solução que considera adequada — Bate. Os peixes não sabem que estão molhados.

Assim, a violação é muito mais do que simplesmente um ato, ela se transforma em conceito, uma forma de perceber e de se fazer percebido na existência. E, por mais que nos esforcemos para categorizá-la como um traço de irracionalidade, não são poucas as ocasiões, ainda hoje, em que ela é entendida como a razão. Crescemos em bairros onde a menor troca de olhares pode iniciar uma violentíssima troca de socos, afinal de contas — o que é que você tá olhando? Quão destruída uma pessoa precisa estar para se sentir agredida por um par de olhos? Quantos tipos de violação se entrelaçam e se colocam sobre aquele corpo para que alguém entenda que racionalizar esse encontro exige xingamentos, socos, pontapés e, às vezes, coisas piores? Nos orgulhamos de uma insensibilidade perigosíssima, em especial entre os homens, o que nos faz viver como se fôssemos drones, aeronaves não tripuladas que conseguem gerar dor sem necessariamente se colocar em perigo. Ledo engano.

É bastante comum que elogios, aliás, quando dão a sorte de acontecerem, sejam precedidos ou antecedam frases como — eu não pago pau pra ninguém. Admiração, afeto e reconhecimento são entendidos como sinais de fraqueza, ao passo que agredir, silenciar, constranger e assediar são entendidos como força, quando são violações. O que justifica homens heterossexuais vociferando contra um homem transexual, que está exercendo sua força e reivindicando seu direito à paternidade, enquanto silenciam perante pais biológicos que abandonam os filhos que ajudaram a gerar? O que justifica que esses mesmos homens heterossexuais silenciem perante pais que não se dão ao trabalho nem mesmo de registrar os seus filhos? Essa não é uma ideia completamente irracional do que é ser um pai, do que é masculinidade e do que é ser um homem?

Aqui chegamos à pergunta central do livro que você tem em mãos: o que é ser um homem?

O que sobra de nós, se nos desconectarmos do que Olivia Gazalé chamou de mito da virilidade? Virilidade, essa palavra perigosa que não possui um equivalente feminino, que logo se torna inacessível a mulheres e a homens que não performam a masculinidade “normativa” e que

coloca todos os outros seres humanos em condição de subgênero. Toda uma imposição contraditória nos dizendo que domamos feras, desposamos princesas, dominamos reinos, somos uma grande síntese ambulante do que significa poder, para, no fim, darmos de cara com uma pergunta inevitável: se o prêmio dado a quem bem desempenha essa performance é o poder (cada vez maior) e a glória, por que somos líderes isolados no ranking dos suicidas?

O mundo é seu, desde que você não abrace outro homem, não o beije, jamais ande de mãos dadas ou demonstre sensibilidade, desde que você não chore, não desabafe, não reconheça o quão difícil está uma situação que tem atravessado, desde que você não divida as tarefas domésticas, não diga eu te amo para os seus filhos, não tenha profundo respeito por todos que não são como você, desde que você cumpra uma lista extremamente longa de atributos — mas, acredite, você é livre e o mundo é seu. Esse belíssimo mundo de Marlboro, onde, ao vencedor, resta um câncer.

Está na hora de escutarmos, a nós mesmos e a elas.

Porque as lutas protagonizadas pelas mulheres no planeta, chamadas de feminismo, feminismo negro, feminismo interseccional ou o que mais tem me encantado recentemente, que é uma corrente chamada mulherismo afrikana, ofereceram e oferecem diariamente ao mundo, enquanto movimentos políticos, provocações bastante pertinentes que presenteiam os seres humanos, todos eles, com a oportunidade de exercer a vocação primeira que todos nós temos, que é justamente essa — ser humano. Mas é impossível realizar esse exercício se não nos desconectarmos com urgência deste paradoxo frustrante que convence homens ao redor do planeta que a eles pertence toda a realidade, desde que essa realidade seja observada por uma fechadura. E, pior, que toda experiência para além da limitadora fechadura pode e deve ser violada.

Um triste fractal, que reproduz de maneira cada vez mais sufocante o mito da caverna de Platão.

Dito isso, é uma honra anteceder o texto em que você vai entrar agora, poder dividir alguns pensamentos antes de provocações tão inadiáveis e inquietantes. JJ Bola, nas páginas seguintes, entrelaça memórias e estatísticas de maneira bastante cuidadosa, concentrado em abrir um portal que ilumine nossa trajetória ao que de fato pode significar ser um homem.

**Emicida**

# INTRODUÇÃO

## SEM MÁSCARA: O QUE SIGNIFICA SER UM HOMEM

Em uma ensolarada tarde de sábado durante minha adolescência, antes de termos selfies e telas sensíveis ao toque, antes da invenção do 4G, antes que as redes sociais dominassem todos os aspectos da nossa existência, eu estava andando pela vibrante, sempre tumultuada, multicultural e dinâmica Tottenham High Road, no norte de Londres. Eu estava no meio de um grupo grande, de mais ou menos dez dos meus “tios”. Mas eles não eram meus tios de verdade. Eles não eram meus parentes, e sim homens da comunidade congoleza onde eu cresci. Aos sábados, como parte das suas obrigações religiosas, eles realizavam ações com jovens da comunidade, o que incluía uma banda de sopro e percussão e outras atividades culturais.

Depois de uma dessas sessões de sábado, fui convidado para comer na casa de um tio que vivia na região, não muito longe da rua principal. Eu não consegui conter minha emoção. Era um banquete inesperado, com *pondu*, *makemba*, *mikate* e *ntaba* (cozido, banana-da-terra, bolinhas de massa frita também conhecidas como *puff puff* e cabrito assado), um privilégio e tanto. Nós seguimos pela rua principal a caminho da tal casa, conversando bastante animados. Eu era claramente o único adolescente no grupo, vestindo calça de moletom, um agasalho com capuz e um tênis Nike Air Force 1. Meus tios, de maneira geral, estavam vestidos do jeito muito único que os homens congolezes se vestem: calça jeans de cintura



alta, camisas coloridas apertadas, espremendo os corpos barrigudos e nada atléticos, um guarda-roupa de marcas famosas e estampas exóticas.

Enquanto a gente caminhava, comecei a me sentir bastante constrangido e cada vez mais apreensivo a respeito do grupo ao meu redor. Embora eu fosse muito familiarizado com Tottenham — pois passava muito tempo lá durante a adolescência e caminhava com frequência pelas mesmas ruas, ainda que com grupos e propósitos totalmente diferentes —, eu estava envergonhado de chamar tanta atenção, não só por estar em um grupo numeroso, mas por estar em um grupo numeroso formado por homens afrodescendentes vestidos de maneira excêntrica e falando alto em lingala. Também encontrei vários outros adolescentes pelo caminho. Alguns começaram a me encarar, apontando o dedo e até soltando uma risada ou outra à distância. Eu tinha certeza de que me reconheciam e que me esconder embaixo do capuz não ajudava em nada. Quer dizer, o capuz provavelmente produzia o efeito contrário.

Continuamos caminhando em grupo, agora separados em pares ou trios, cada núcleo com sua própria conversa. Eu andava com meu tio, de mãos dadas. Isso é perfeitamente normal na cultura congoleza e na cultura africana francófona, e mais tarde eu descobriria que também é bem comum em outras culturas ao redor do mundo. É uma maneira dos homens se unirem e demonstrarem afinidade, assim como carinho um pelo outro. Essa é a cultura na qual eu cresci. Tanto que muitas vezes vi meu pai conversando de mãos dadas com outros homens na comunidade, ou enquanto eles caminhavam. Era normal, e eu não precisava pensar duas vezes no assunto. No entanto, fora das normas culturais do meu pequeno grupo, andar de mãos dadas cobrava um preço insólito e constrangedor.

Para meu alívio, saímos da rua principal e andamos em direção ao conjunto habitacional onde morava aquele meu tio. Não era minha primeira vez na casa. Eu queria correr para lá sozinho, deixando meus tios para trás, e esperar por eles dentro da residência, mas o peso de explicar esse comportamento me perseguiria por muito mais tempo do que eu desejava ou precisava.

De qualquer forma, embora ainda estivesse andando de mãos dadas com meu tio, eu já respirava um pouco mais tranquilo e confiante. Nós

não estávamos mais à vista de todas aquelas pessoas na rua, especialmente dos adolescentes, o que não durou muito. Quando chegamos perto do endereço final, com um senso renovado de vigor e euforia, fomos notados por um grupo de adolescentes que estava dando um tempo por ali. Eles nos olharam, os olhos grudados em mim e no tio com quem eu estava andando de mãos dadas. Todos aqueles rostos exibindo uma variedade de expressões negativas, uma miscelânea que ia da confusão ao nojo.

Eu já tinha visto esses caras no conjunto habitacional antes. Às vezes eu até trocava um sutil aceno de cabeça com eles, um daqueles cumprimentos que revelam respeito e aceitação dentro do grupo. Nesses conjuntos habitacionais — e, na verdade, em qualquer conjunto habitacional, comunidade, quebrada, gueto, beco, favela, seja lá qual termo se queira usar —, o respeito tem a ver com o quão forte você é, ou pelo menos com o quão forte os outros imaginam que você seja. Eu já participava desse jogo de aparências por tempo suficiente para merecer algum respeito. Eu era alto e tinha um porte atlético. De fato, tendo sido apresentado desde cedo às flexões e à musculação, eu parecia bastante intimidador. Mas todo esse respeito que conquistei se dissipou em uma velocidade absurda no exato momento em que fui visto andando de mãos dadas com outro homem.

Eu queria colocar meu capuz de volta e esconder o rosto, mas era tarde demais: eu já havia me tornado um alvo. Larguei rapidamente a mão do meu tio, fingindo que procurava alguma coisa no meu bolso, o que para ele não fez diferença nenhuma, era só outro gesto cotidiano.

“Ô, gigante”, ouvi uma voz me chamando. Eu sabia que ele estava falando comigo e com mais ninguém. Eu olhei em volta. Seus olhos atravessaram meu peito. Senti minhas pernas tremendo, como se os joelhos fossem desabar no próximo passo. Ele estava com a cabeça coberta por um capuz e vestia um agasalho cinza da Nike que todo mundo invejava.

“Tá de mão dada, é isso?”, ele disse, e a turma de apoio primeiro riu baixinho, para depois explodir em gargalhadas. Ainda lembro da dor, da pontada no meu coração. É a mesma sensação de quando a comida apimentada deixa de ser gostosa e entra na categoria de picante além do suportável, fazendo você implorar para sua boca voltar ao normal.

“Não”, respondi, em um tom que indicava estar ofendido pela sugestão.

“*Alobi nini?*”, perguntou meu tio, querendo saber que comoção era aquela, sem entender o que o sujeito estava falando.

“Nada”, respondi com um desdém amargo, “ele estava me perguntando as horas”.

Essa foi apenas uma entre as várias experiências da minha infância e adolescência que me fizeram questionar a minha noção de masculinidade, me levando a refletir sobre aquela pergunta que não somos autorizados a fazer em voz alta: o que de fato significa ser um homem? Por que dois homens de mãos dadas é algo que não chama a atenção de ninguém em uma parte do mundo, enquanto, em outra parte, as pessoas param e olham assustadas? Eu sempre me perguntei sobre as emoções e os sentimentos dos homens, ou melhor, sobre a suposta ausência deles. Eu fui um menino um tanto quanto emotivo. Eu chorava se estivesse triste ou incomodado, eu chorava se estivesse feliz, eu chorava de raiva. Eu me expressava com toda a intensidade possível, através da tristeza e também da alegria. Mas, com a idade, isso foi mudando aos poucos. Me tornei mais estoico, mais reprimido, mais reservado. Nunca deixava as outras pessoas descobrirem como eu me sentia de verdade, às vezes nem eu mesmo sabia. Existia um ódio, uma fúria queimando dentro de mim, que eu disfarçava chamando de crises de raiva, de pavio curto ou de incapacidade de controlar meu temperamento.

E então chegamos nos dias de hoje. Temos nossas definições sobre a masculinidade e sobre as normas culturais mais amplas em torno do assunto, mas o que elas significam para os meninos que agora se encaminham para o mundo adulto? O que elas querem dizer para os jovens e velhos que estão por aí se debatendo com uma sociedade cujo maior incentivo é para que eles mantenham essa raiva que destrói as vidas das mulheres, assim como as vidas de muitos homens? Sim, existem muitas questões urgentes a respeito dos homens e da masculinidade dos tempos modernos. Por que os homens são esmagadoramente apontados pelas estatísticas como os grandes responsáveis por crimes violentos, com destaque para os crimes

relacionados à violência sexual, do assédio ao estupro? Por que o suicídio é a maior causa de morte entre homens com até quarenta e cinco anos de idade, superando as mortes por doenças ou acidentes? O que podemos fazer para mudar este cenário?

Para compreendermos melhor a noção do que é ser homem e o que é a masculinidade, precisamos entender o patriarcado, que é a ideologia e a estrutura hierárquica que colocam os homens em uma posição de vantagem em relação às mulheres, garantindo a eles poder, privilégios, direitos e acesso a recursos em vários domínios e contextos, indo desde o núcleo familiar até o mundo corporativo e o ambiente de trabalho, e nos informando sobre os papéis que os homens e as mulheres devem assumir, ao mesmo tempo em que dita as realidades materiais de cada um. A expectativa de que as mulheres devem cozinhar e limpar enquanto os homens devem sustentar as famílias, por exemplo, é uma ideia rígida que pode não ter o mesmo peso e receptividade de cinquenta anos atrás. Mas isso quer dizer que vivemos em uma sociedade igualitária? Algumas pessoas podem argumentar que as mulheres se desvencilharam de limites tão estritos. E, com certeza, na superfície, a imagem da dona de casa não prevalece mais com tanta força no nosso imaginário. Mas, se as mulheres ainda ganham salários menores que os homens para fazerem o mesmo trabalho, quão longe conseguimos chegar? Como discuto ao longo do livro, o patriarcado é uma trama que se estende pela família, pelo sistema educacional e pela mídia de massa. Ele socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas, especialmente em relação às mulheres, mas também em relação aos outros homens.

O sistema do patriarcado é algo que impacta as vidas de homens e mulheres, atuando desde o nascimento até a infância e seguindo pela vida adulta e por aí vai, de maneiras às vezes aparentemente simples, como as cores que devem ser usadas — o azul para os meninos e rosa para as meninas —, os tipos de roupas ou os brinquedos com os quais as crianças devem brincar. Toda esta ordenação tem uma repercussão significativa na maneira como a masculinidade é vista dentro da sociedade, e como os homens e as mulheres interagem entre si. Uma sociedade patriarcal é aquela em que os homens assumem as posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a

política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e estendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal, no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. O patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres.

O patriarcado não é um termo ou um sistema muito conhecido fora da academia, fora das salas de aula ou dos livros didáticos. Nem é usado com muita frequência nas conversas normais do dia a dia, embora as discussões sobre feminismo tenham conquistado protagonismo nos últimos anos, trazendo mais exposição à palavra. No entanto, assim que uma discussão começa, não é difícil para as pessoas entenderem a noção de patriarcado, mesmo que não tenham pensado nela antes, porque é um assunto que repercute diretamente nas nossas vidas cotidianas. As maneiras como isso acontece são o foco deste livro.

Eu não ouvi falar de patriarcado durante minha infância e adolescência. Não ouvia na escola, não escutei muito na universidade — pelo menos não de um jeito que me chamasse atenção —, não escutei na minha região ou no meu bairro, na minha quadra, entre meus amigos e amigas, na minha família, nem entre meus pais, tias, tios ou irmãos. A palavra patriarcado não era parte da minha linguagem diária, o que é uma pena, porque teria me preparado para uma série de situações pelo caminho. No entanto, o patriarcado sem dúvida permeou todos os aspectos da minha existência e influenciou significativamente a maneira como eu me via enquanto garoto e, depois, como homem, assim como influenciou a perspectiva pela qual eu enxergava os outros homens e mulheres. Eu me lembro de ser confrontado com as ideias de dominância masculina em diversas ocasiões. Por exemplo, quando ouvi pela primeira vez a música *Keep ya head up*, de Tupac Shakur, com treze ou quatorze anos, no fim dos anos 90 e início dos anos 2000. Os versos a seguir me abalaram de verdade:

*You know what makes me unhappy?*

*When brothers make babies, and leave a young mother to be a pappy.*

*And since we all came from a woman,*

*Got our name from a woman and our game from a woman,*

*I wonder why we take from our women, why we rape our women,*

*Do we hate our women?  
I think it's time to kill for our women, time to heal our women,  
Be real to our women.  
And if we don't, we'll have a race of babies that will hate the ladies  
That make the babies. And since a man can't make one, he has no  
right  
To tell a woman when and where to create one.*

(Sabe o que me deixa infeliz?  
Quando os manos fazem filhos e largam uma jovem mãe para ela  
brincar de papai.  
E, já que nós todos nascemos de uma mulher,  
Ganhamos nossos nomes de uma mulher, e a nossa vida de uma  
mulher,  
Eu me pergunto por que roubamos das nossas mulheres, por que  
estupramos nossas mulheres,  
Nós odiamos nossas mulheres?  
Acho que é hora de matar por nossas mulheres, hora de curar nossas  
mulheres,  
ser verdadeiro com as nossas mulheres.  
Se não for assim, nós vamos ter uma geração de filhos que vai odiar as  
mulheres  
Que vão lá fazer os filhos. E, como um cara não pode ter um filho, ele  
não tem o direito  
De dizer a uma mulher quando e onde ela deve criar um.)

Esta letra é um comentário sobre alguns aspectos da desigualdade de gênero, sobre homens que abandonam suas parceiras grávidas, homens que abusam das mulheres, inclusive através de estupros, é uma letra que chega a perguntar se “odiamos as nossas mulheres”. Ouvir essa mensagem específica vinda de um gangsta rapper que era solidamente considerado um homem viril, a epítome do que um homem deveria ser, teve um efeito profundo sobre o meu pensamento enquanto adolescente.

Mas só depois, quando eu eventualmente consegui compreender o termo “patriarcado”, é que eu entendi e decifrei o sentido de muitas das minhas dúvidas juvenis. Minha curiosidade com letras como essa, por exemplo, que mais à frente acabou se inserindo no contexto mais amplo

das discussões sobre os direitos reprodutivos das mulheres. É um tipo de dúvida que, ainda hoje, é recorrente entre garotos em fase de crescimento. De um jeito que, como tenho notado, por meio do meu trabalho com adolescentes, e também com homens adultos, neste debate sobre o que é ser um homem, parece que ainda estamos navegando as mesmas complexidades e questões de décadas atrás, com o adicional de termos agora novos obstáculos provocados pela emergência dos tempos modernos.

De fato, tenho visto muitos jovens e indivíduos adultos sofrendo em silêncio com questões como ansiedade e depressão, angústia e traumas emocionais, aflições que são respondidas com agressões, nos outros e em si mesmos, tudo porque, repetidamente, em algum ponto do caminho, eles ouviram dizer que um homem precisa ser forte, que um homem precisa ser duro, estoico, lógico, uma espécie de soldado no meio de conflitos extremos, pois, afinal, um homem jamais pode sucumbir à emoção ou à vulnerabilidade, ele sempre deve demonstrar indiferença a todo tipo de dor ou sofrimento. E não são casos isolados, eu mesmo precisei aprender com as minhas experiências e com as estratégias que desenvolvi para poder lidar com as cicatrizes em torno da minha masculinidade e da minha virilidade, com as dúvidas que enfrentei na infância e na adolescência, com as dúvidas que surgem em mim enquanto homem adulto e com o modo como encaro essas incertezas, muitas vezes sob a influência bastante estereotípica da repressão masculina.

Este é um dos motivos pelos quais decidi usar o subtítulo *A masculinidade desmascarada*. Porque os homens são ensinados a usar uma máscara, uma fachada que, desde muito cedo, encobre como estamos nos sentindo de verdade, que oblitera nossas questões internas. E porque a sociedade é em geral patriarcal, no sentido de favorecer os homens para que eles ocupem posições privilegiadas, ela faz parecer que os homens não experimentam qualquer tipo de sofrimento íntimo. É como uma faca de dois gumes, uma panaceia venenosa. Ou seja, em outras palavras, o sistema que coloca os homens em vantagem na sociedade é essencialmente o mesmo que os limita, inibindo o crescimento pessoal e, no fim das contas, levando ao colapso dos indivíduos. O outro motivo é uma referência à música *Mask off*, do rapper americano Future. Essa

*image  
not  
available*



# CAPÍTULO 1

## HOMENS DE VERDADE: MITOS DA MASCULINIDADE

*Se um homem enxerga a masculinidade como a sua espinha dorsal, remover essa espinha não vai fazer nenhum sentido para ele — Rhael.*

Existem vários mitos sobre a masculinidade e esses mitos são passados de geração em geração como verdades absolutas. Eles nos são ensinados desde muito cedo, enfrentando bem poucos obstáculos pelo caminho, e qualquer garoto ou homem que por acaso não se encaixe nos estereótipos é virtualmente exilado do clã masculino. É como se ser um homem fosse uma competição para a qual todos os machos estão tentando se classificar: a primeira divisão é aquele campeonato de elite reservado para os mais aptos e habilidosos enquanto os outros concorrentes são obrigados a se contentar com as ligas ou subdivisões menores, entrando no contingente de times semiprofissionais e jogos amadores, quando não se enquadram entre aqueles que sequer têm a chance de se inscrever no torneio. Ou até pior: a ideia do que significa ser um homem e as noções de masculinidade que surgem com ela talvez se pareçam muito mais com um esporte no qual as regras mudam o tempo inteiro, a depender do local onde é praticado. Vamos fazer um pequeno exercício de imaginação. Imagine que, se você jogar futebol na Inglaterra,

*image  
not  
available*

sentimentos de uma maneira que vai além das expectativas hipermasculinas. Pode ser algo simples, como dizer “eu te amo”. Ou dois homens se abraçando ou até dando as mãos. Seja qual for o tipo de contato, quando ele acontece entre dois homens, provocando alguma proximidade, é comum que a reação ganhe contornos de censura. Como também é o caso dos homens dizendo, pelos mesmos motivos acima, coisas como “sem veedagem nenhuma” ou “sem frescura”, ao invés de assumirem a postura “claramente gay”. Quer dizer, é muito possível você encontrar um homem falando para outro: “você está bem bonito hoje, sem veedagem nenhuma”, o que é um comentário insidiosamente homofóbico. Apesar de ser usado quase sempre em tom de brincadeira, ele ainda assim perpetua uma expressão enraizada e tóxica da masculinidade: de que, se os homens gostam uns dos outros, se eles cumprimentam uns aos outros, ou se demonstram carinho uns pelos outros, isso precisa ser resguardado por uma declaração adicional que reafirma o quanto eles são héteros.

## **HOMEM NÃO CHORA**

Praticamente uma extensão do “seja homem”, que os meninos carregam dentro de si da infância para a vida adulta. Eu me lembro muito bem da primeira vez em que vi meu pai chorar, quando eu ainda era uma criança. A cena me deixou em choque. Passei anos e anos escutando o quanto eu precisava ser forte e não chorar e, de repente, a pessoa que eu enxergava como fonte definitiva de força estava aos prantos na minha frente. A partir daí, ao invés de me dar conta do quão normal é chorar, eu segui em direção à adolescência me esforçando o máximo possível para ter certeza de que era forte o suficiente, ou pelo menos mais forte do que meu pai, para que ninguém me visse chorando. Ninguém iria conhecer minhas fraquezas. E eu levei muito tempo para desaprender esse raciocínio. Hoje em dia, eu choro com abundância e em qualquer lugar: depois de uma peça de teatro, durante um show, depois de perder um jogo de basquete ou quando estou sozinho. Eu até aproveito um choro sem-vergonha ao cortar cebolas na cozinha para desaguar todos os meus choros de uma vez só. No entanto, depois de várias conversas, é impressionante notar como muitos dos meus amigos

*image  
not  
available*

são usados para reforçar uma perspectiva estereotípica do que um homem deve e não deve ser. A prevalência do problema varia e difere a depender da cultura, do lugar e da época, o que só comprova que a masculinidade não é fixa. Sem dúvida, expressões externalizadas de masculinidade, incluindo os seus estereótipos, não existem em um vácuo, e sim dentro da sociedade. E, no momento em que nós, homens, nos tornamos conscientes de algumas dessas expectativas impostas, já passamos muitos anos vivendo de acordo com elas de uma maneira ou de outra, por meio de coisas que nos foram apresentadas como “normais”, de um jeito que torna toda essa ordenação muito mais difícil de desaprender.

## **A MASCULINIDADE COMO PERFORMANCE**

Nos tempos modernos, debates ferozes estão ocorrendo em torno da masculinidade, da feminilidade e do binarismo de gênero — algo que vamos discutir no capítulo 6. Algumas pessoas argumentam que a masculinidade é tóxica, frágil e está em crise, enquanto outras sustentam que a discussão cada vez maior em torno do assunto é a grande prova de que a masculinidade deve ser protegida a todo custo daqueles que estão tentando destruí-la. De todo modo, antes de avançarmos na conversa, é importante apontar que, apesar da masculinidade e da feminilidade, como são compreendidas tradicionalmente, serem traços ou características que exibimos com base em nosso sexo, essa classificação não coincide com a definição dos sexos biológicos masculino e feminino.

Para Judith Butler, “o gênero é uma identidade tenuemente construída com o tempo — por meio de uma repetição estilizada de atos”<sup>2,1</sup> destacando a sua natureza performática. Enquanto o gênero não é a mesma coisa que masculinidade e feminilidade, *papéis* de gênero tendem a se encaixar em papéis masculinos e femininos. Sob esta perspectiva, muitos já argumentaram que a ideia do gênero como algo performático pode ser estendida à masculinidade e à feminilidade, e que, no limite, nós desempenhamos papéis e atos “masculinos” e “femininos” específicos, continuamente validando o nosso senso de gênero: supondo, por exemplo, que sermos fortes nos qualifica como homens e que a fraqueza nos qualifica como mulheres.

## **CAPÍTULO 2**

# **SÍMBOLOS DE GRUPO E ORAÇÃO: VIOLÊNCIA MASCULINA, AGRESSÃO E SAÚDE MENTAL**

A violência e a agressividade masculina têm um impacto profundo nas nossas vidas, nas vidas de pessoas próximas e até nas vidas de pessoas que sequer conhecemos. Esse impacto varia de intensidade, mas a energia tóxica do conjunto muitas vezes borbulha debaixo da superfície de inúmeras interações e contextos. Nós com certeza sentimos o desdobramento do problema nas famílias, nos ambientes de trabalho, nas comunidades e nos mais variados estratos da sociedade. No entanto, apesar de ter uma configuração onipresente, muito da violência masculina acontece sem ser vista, em especial nos seus elementos mais insidiosos. Com frequência, a violência masculina é descrita como sendo uma característica natural, ou até mesmo uma segunda natureza dos homens, uma concepção que, por certo, se deve a uma falta de discussão sobre as causas mais profundas da violência masculina. Pelo contrário, ao invés de um debate sério, estamos acostumados a ouvir discursos repetitivos sobre a biologia e a testosterona, argumentos que tendem a

## SOLDADINHOS DE CHUMBO

*Eu tive uma conversa recentemente sobre como nós que nos identificamos dentro do gênero masculino temos a violência como a principal ferramenta de comunicação, e aí eu entendi como provocar dor em outra pessoa foi o que me fez encontrar meus melhores amigos quando eu era criança — Rhael.*

É um fato: os brinquedos com os quais brincamos na infância causam impacto na maneira como nos expressamos e como nos compreendemos. Os garotos, em especial, muitas vezes ganham brinquedos que refletem modos mais agressivos e físicos de envolvimento, como revólveres de plástico, caminhões, martelos e outros tipos de ferramentas, uma variedade grande de itens que cobram uma conta no final. Um estudo conduzido pela universidade estadual de Iowa, intitulado *The relation of violent and non-violent toys to play behaviour in pre-schoolers* (“A relação dos brinquedos violentos e não violentos com o comportamento de alunos de pré-escola durante as brincadeiras”), descobriu que “agressões verdadeiras e de mentira ocorrem com mais frequência em brincadeiras com brinquedos violentos do que nas brincadeiras com brinquedos não violentos”.<sup>10</sup> Uma observação muito simples, na verdade: as crianças geralmente demonstram um comportamento mais ou menos agressivo, seja real ou de mentira, a depender do tipo de brinquedo envolvido.

Quando penso nos brinquedos com os quais eu brincava na infância, me lembro muito bem de ganhar armas e bonecos articulados, além de consumir conteúdos, como desenhos animados, programas de televisão, música e filmes, que reforçavam e normalizavam o comportamento agressivo como a principal regra. Outro estudo, *The relation between toy gun play and children’s aggressive behaviour* (“A relação entre brincar com armas de brinquedo e o comportamento agressivo das crianças”), realizado na Universidade de Brandeis,<sup>11</sup> ratifica a afirmação anterior de Iowa, mas também conclui que as punições físicas impostas pelos pais aos filhos estimulam uma perceptiva agressividade tanto em meninos quanto em meninas, que, no futuro, podem repetir o padrão a que foram submetidos.

mulheres). No entanto, os homens têm menor probabilidade de buscar ajuda profissional ou de acessar serviços de saúde mental. Os homens também têm um acesso significativamente menor ao apoio social por meio de amigos, parentes e da comunidade local.

Estatísticas adicionais, desta vez especificamente relacionadas a crianças e adolescentes, e compiladas pela YoungMinds,<sup>13</sup> uma das principais instituições a lidar com a saúde mental de jovens no Reino Unido, mostram que:

- Um em cada cinco adolescentes possui um transtorno mental diagnosticado (entre crianças, o número é de uma em cada dez).
- Um em cada doze adolescentes já se automutilou ou vai se automutilar em algum ponto de sua vida.
- Entre adultos britânicos, um em cada três problemas de saúde mental tem relação direta com experiências adversas ou traumáticas na infância.<sup>14</sup>

Aqui vão mais alguns números interessantes, também compilados pelo fórum britânico de saúde mental do homem, que, além de retratar a vida real de muitos homens na sociedade moderna, e embora não sejam estatísticas específicas sobre saúde mental, esboçam uma série de fatores que podem contribuir para o agravamento do problema:

- 87% dos moradores de rua ou de pessoas em condições precárias de habitação são do sexo masculino.
- Na comparação com as mulheres, os homens têm três vezes mais chances de se tornarem dependentes de álcool, e três vezes mais chances de incorrerem em abuso de drogas.
- Os homens formam 95% da população prisional britânica.<sup>15</sup>

*Acho que os homens, em média, são mais propensos a formas mais extremas e violentas de comportamento, e o suicídio é uma forma de comportamento violento — Matt.*

Em um artigo na revista da sociedade britânica de psicologia, Swani, Payne e Stanistreet examinam um relacionamento que, segundo eles,



que contou sobre as suas guerras internas no documentário *Suicide and me* (“O suicídio e eu”), o ator Dwayne “The Rock” Johnson, que revelou sua luta contra a depressão, e o escritor Matt Haig, mais conhecido por seus livros *Razões para continuar vivo* e *Notes on a nervous planet* (“Notas sobre um planeta nervoso”), que compartilhou com o público suas experiências com transtornos psicológicos, em especial a ansiedade e a depressão. No entanto, quando Chester Bennington, cantor da banda de rock Linkin Park, morreu de suicídio em julho de 2017, a notícia nos atingiu de uma maneira brutal e um clamor percorreu a mídia dos Estados Unidos e do resto do mundo. Chester já vinha falando, em entrevistas recentes, sobre sua luta com questões de saúde mental e com pensamentos suicidas. Ele também tratava de vários assuntos delicados através da música do Linkin Park. Era com essa música que eu me conectava de verdade na adolescência e no início da vida adulta, ouvindo aqueles discos para poder sobreviver aos meus dias mais sombrios, na esperança de não estar sozinho. Quando a notícia do suicídio de Chester se espalhou, vi muitos dos meus amigos publicando dedicatórias a ele, todos relatando como a música da banda foi importante para ajudá-los em determinado momento da vida. Foi aí que me dei conta de como, na transição da infância para o mundo adulto, embora muitos de nós passem pelas mesmas dificuldades, continuamos achando que estamos sozinhos na batalha.

Além de Chester Bennington, vários outros homens famosos infelizmente se suicidaram nos últimos anos, uma lista triste que inclui o famoso ator Robin Williams, o chef, autor e personalidade de tevê Anthony Bourdain, o cantor e compositor sul-coreano Kim Jonghyun, o estilista britânico Alexander McQueen, o ex-jogador de futebol e treinador galês Gary Speed, o apresentador e produtor norte-americano Don Cornelius e o ator americano Lee Thompson Young, para citar apenas alguns. Esses homens eram de idades variadas, vinham de culturas diferentes, eram de etnias distintas e não sofriam exatamente do mesmo transtorno psicológico. Eles também eram considerados homens de sucesso, e este é um ponto a ser desconstruído. A ideia de que o sucesso automaticamente previne alguém de sofrer de depressão é uma noção equivocada que leva as pessoas a estigmatizarem as questões de saúde mental como um problema do qual você pode simplesmente fugir

# CAPÍTULO 3

## O QUE O AMOR TEM A VER COM ISSO? AMOR, SEXO E CONSENTIMENTO

*Se as emoções são tão fracas, por que somos aqueles que estão fugindo delas? — Rhael.*

Eu fui criado à base de músicas românticas: R&B, slow jams, soul, pop, rumba congoleza, músicas do início dos anos 2000 em que letras sobre amor, saudade e dor de cotovelo eram a regra. Cansei de ouvir artistas e bandas como Jagged Edge, Joe, Boys II Men, Backstreet Boys, N-Sync, Eternal, Destiny's Child, En Vogue, Marvin Gaye, Okay Jazz, Papa Wemba, Shola Ama, Craig David, Another Level, Daniel Bedingfield e Maxwell. Eu ouvia músicas como *End of the road*, do Boys II Men, e cantava junto como se fosse eu que tivesse acabado de terminar um relacionamento. Ou *Let's get married*, do Jagged Edge, imaginando o dia em que eu também subiria ao altar. Portanto, a cultura do amor romântico era realmente quase inescapável.

Quando estava no Ensino Fundamental, eu gostava demais de uma colega de sala que era também minha vizinha. Ela morava no mesmo bloco que eu, mas o nosso apartamento era um ou dois andares acima do

velhas não se aproveitam sexualmente dos meninos. Pelo contrário, segundo a lógica dominante, e essa é uma máxima recorrente entre homens mais velhos, quanto mais jovem for o garoto, mais realizado, mais “macho” ele será se fizer sexo com uma menina ou mulher adulta. Por exemplo, em uma entrevista para o Daily Mail em 2013,<sup>20</sup> o cantor, compositor e ator norte-americano Chris Brown revelou que tinha apenas oito anos de idade quando deixou de ser virgem, e, se gabando do seu número de conquistas, se comparou ao cantor Prince. Brown afirmou que “perdeu a virgindade” com uma menina que tinha quatorze ou quinze anos. Ele também alegou que, nessa idade, já consumia pornografia. E a entrevista segue por mais alguns parágrafos no mesmo compasso. Vale notar aqui a linguagem adotada pela mídia em relação ao caso. Todos os veículos relataram que ele tinha oito anos quando perdeu a virgindade, ou seja, nenhuma menção ao fato de que ele foi estuprado, abusado sexualmente ou que a garota se aproveitou dele, uma reação e uma linguagem bem diferentes das que seriam utilizadas se o relato envolvesse uma menina de oito anos e um garoto de quatorze ou quinze, o que seria acertadamente classificado como estupro de vulnerável. Essa discrepância mostra como os meninos são condicionados a pensar que, quando eles estão envolvidos, ainda que de maneira precoce, o sexo é algo a ser comemorado, e não algo a ser combatido.

Na entrevista ao Daily Mail, Chris Brown ainda declarou: “Com oito anos, se você consegue fazer (sexo), isso meio que é uma preparação para o que vem depois, então você pode ficar um verdadeiro monstro no assunto... A maioria das mulheres que estiveram comigo não reclama de nada. Elas realmente não podem reclamar. Tudo é muito bom comigo”. Essa citação é particularmente reveladora e deixa muito claro como, na sugestível idade de oito anos, Brown já havia sido exposto ao sexo e à ideia de que um homem deve agradar às mulheres. A citação também mostra o quanto a identidade e o valor de um homem tendem a ser ligados a quão bom é o seu desempenho sexual, além de sentenciar o sexo como o apogeu das interações masculinas com as mulheres, o fenômeno que firmemente estabelece o sujeito na categoria de homem.

## **PORNOGRAFIA ENQUANTO REALIDADE**

mídia também carrega sua cota de responsabilidade, quando, por exemplo, define o ataque de Rodger como um resultado isolado de problemas de saúde mental (no capítulo 4, discuto as caracterizações midiáticas de violentos atos políticos como atos de “lobos solitários”), pois, embora poucos discordem que Rodger estava sofrendo de algum tipo de transtorno psicológico grave, a verdade é que não vamos encontrar um registro correlato de mulheres com questões de saúde mental cometendo atos massivos de violência contra os homens. Em outras palavras, se, por um lado, como discutimos no capítulo 1, a respeito dos mitos da masculinidade e o tema do “boy lixo”, o escracho das mulheres em relação aos homens tem instigado uma comoção pública, a ponto dos homens argumentarem que a masculinidade está “em crise” e que precisa ser protegida, por outro lado também temos que as mulheres falarem abertamente sobre ideais sociais misóginos não levou ao assassinato em massa de homens por parte delas. Porque este não é, de maneira alguma, um jogo jogado por forças iguais, como alguns homens querem sugerir. E, portanto, quanto mais as violências misóginas forem classificadas como descontroles de um “lobo solitário”, ao invés de serem vistas como um conjunto de crimes provocados pela disseminação de ideologias perniciosas, menos chance teremos de superar este abismo. O ataque de Elliot Rodger foi abominável, mas é neste tipo de incidente que vemos como a cultura do estupro, a misoginia e o patriarcado no final das contas levam alguns homens a perderem a cabeça — Rodger cometeu suicídio enquanto tentava fugir da polícia.

## **CULTURA DO ESTUPRO E CONSENTIMENTO**

*A cultura do estupro não quer dizer que todo homem sai cometendo agressões sexuais terríveis por aí, e sim que os homens deste mundo são cúmplices ao permitirem que outros homens cometam esses crimes — Elrick.*

O aparecimento dos incels levanta várias questões sobre a cultura do estupro, e noções equivocadas sobre consentimento têm um papel fundamental aqui. Depois do movimento #MeToo, muitos

escutam “você está bem?” ou “que horas foi que o roubo aconteceu?”, e não “o que você estava vestindo?” ou “você tinha bebido demais?”. Até porque sugerir que um estupro pode ser evitado com medidas de segurança tais como não se vestir de maneira “provocante”, não ficar sozinha até tarde na rua ou não se embebedar apenas reforça a ideia de que os homens são predadores por natureza. É como se o estupro fizesse parte da configuração genética do homem e, portanto, se as circunstâncias forem favoráveis, o ataque nunca poderá ser contido — o que, mais uma vez, reforça a culpabilidade da vítima, colocando sobre as mulheres justamente a obrigação de não se tornarem vítimas, como se esta posição fosse um destino inevitável para elas.

Para entender melhor a gravidade da situação, basta analisar algumas estatísticas sobre estupros no Reino Unido, que são bastante assustadoras:

- Aproximadamente oitenta e cinco mil mulheres e doze mil homens são estuprados na Inglaterra e no País de Gales todos os anos, o que equivale a onze estupros por hora.
- Uma em cada cinco mulheres com idade entre dezesseis e cinquenta e nove anos já sofreu algum tipo de violência sexual.
- Quase 90% das mulheres estupradas foram agredidas por alguém que elas conheciam.
- Apenas cerca de 15% das pessoas que sofrem violência sexual no Reino Unido escolhem denunciar à polícia (e apenas um estupro em cada quatorze denunciados leva a uma condenação).<sup>26</sup>

Infelizmente, o estupro é uma questão que afeta mulheres de todas as idades no mundo inteiro. Ao mesmo tempo, outra questão muito séria é a dos homens vítimas de estupro. Esse problema muitas vezes passa despercebido, já que os homens estuprados sofrem com vergonha e constrangimento por verem a sua masculinidade comprometida — é como se eles fossem menos homens, como se fossem fracos ou anormais por recusarem sexo ou por terem sido subjugados. Assim, existem muitos casos de homens que não denunciam o crime, e também de homens que relatam terem sido ridicularizados em delegacias.

Curiosamente, em uma trama de 2018 da novela britânica *Coronation*

mundo e que as mulheres equivalem a 49,6% da população mundial.

E temos um longo caminho pela frente, se quisermos mudar alguma coisa. A começar pela nossa relação com a violência. Lutas, guerras e conflitos ainda são, até certo ponto, idealizados em nossa cultura — por exemplo, por meio de videogames populares como *Call of duty*, *God of war* e *Halo*. O efeito desses jogos não é apenas a normalização da violência extrema, ou a criação de um espaço de contato social para os jovens, mas também o reforço constante da ideia do “Outro”, que logo assume um caráter de inimigo. Muitos meninos crescem acreditando que sempre existe, e sempre existirá, alguém para se combater, inculcando neles uma mentalidade de “matar ou morrer”, outro elemento da masculinidade tóxica. Essas pressões normalmente começam desde muito cedo e continuam reverberando até a vida adulta, em uma tradução que sai do mundo virtual e vai para o de carne e osso.

Me lembro de andar com um grupo de amigos no conjunto habitacional onde me criei na infância: um desses garotos disse que um amigo meu (vamos chamá-lo de James) estava falando por aí que conseguia ganhar de mim em uma briga. Sem eu saber de nada, outros amigos estavam dizendo a James que era eu quem estava me gabando com a história de que ganharia dele. Fiquei confuso, pois eu achava que nós dois éramos amigos: por que James iria querer brigar comigo? Quando enfim nos encontramos, a resposta negativa que eu na época imaginava ser a mais adequada para lidar com certas situações, por meio da violência ao invés do diálogo, já estava me corroendo por dentro. James e eu brigamos, com o resto dos meninos olhando, torcendo e gritando, até que eventualmente fomos separados. Eu estava bastante relutante em entrar na briga, sabia que aquilo estava errado desde o começo, mas eu não queria ser o derrotado, a pessoa mais fraca. Porque, como tinham me ensinado muito bem, a violência era uma solução natural para se lidar com os problemas. Logo depois da briga, me desculpei com James — e por sorte nenhum de nós se machucou muito, porque nós dois éramos meninos esqueléticos que mal sabiam como dar um soco, muito menos causar um hematoma real um no outro —, e aí fizemos as pazes.

A maioria das crianças que é educada pela violência, através das brigas ou dos videogames, não vai de uma hora para outra liderar uma

reações por levar sua filha recém-nascida, Vittoria, a uma sessão de votação da União Europeia, em Estrasburgo, na França, que versava justamente sobre as condições de trabalho das mulheres.

## **OS HOMENS E O EXTREMISMO POLÍTICO**

O poder político é patriarcal e o poder patriarcal é político. Ou melhor, a dominação masculina através do espectro político é um instrumento de poder. E visões ideológicas opostas, que de modo geral são vistas como posições contrárias do mesmo sistema, com frequência têm uma característica em comum: a masculinidade. Neste cenário, o porquê de tantos homens jovens se radicalizarem — seja por meio do jihadismo, do neonazismo, dos movimentos de supremacia branca, como os alt-rights, ou pela intervenção de qualquer outro movimento político violento centrado nos homens — é uma questão que tem sido menosprezada, especialmente na grande mídia. Em outras palavras, não é uma coincidência que, no seu livro *Healing from hate: how young men get into — and out of — violent extremism* (“Curando-se do ódio: como homens jovens entram — e saem — do extremismo violento”), o sociólogo Michael Kimmel argumente que a masculinidade é a principal causa para tantos jovens continuarem a entrar em movimentos políticos violentos — a masculinidade é a cola social que mantém todas essas identidades unidas.

Kimmel acredita que os jovens envolvidos nesses movimentos carregam um sentimento de “direito lesado”,<sup>31</sup> por acharem que não receberam aquilo que, por princípio, tinham o direito de receber, isto é, que eles não receberam as regalias que esperavam ganhar pelo fato de serem homens. Como resultado, muitos indivíduos consideram que a sua masculinidade está em perigo e que, portanto, devem tomar medidas extremas — normalmente violentas — para protegê-la. Um exemplo de tal mentalidade está muito bem descrito em um artigo do Washington Post intitulado *How masculinity, not ideology, drives violent extremism* (“Como a masculinidade, e não a ideologia, estimula o extremismo violento”). Nele, a jornalista Dina Temple-Raston relata a trajetória de um adolescente do estado de Minnesota que vendeu o pouco que tinha (iPhone, tênis e computador) para comprar uma passagem para a

# CAPÍTULO 5

## SE EU FOSSE UM MENINO: IGUALDADE DE GÊNERO E FEMINISMO

“O feminismo é a noção radical de que as mulheres são seres humanos”, escreveu Marie Shear, escritora, editora e ativista política, em um informativo chamado *New directions for women* (“Novas direções para as mulheres”), em 1986. Na superfície, parece ser uma frase bem simples e direta, por isso a detectável ironia quando ela fala em “noção radical”. Mas as pessoas costumam reagir a uma afirmação como essa de duas maneiras. Algumas vão argumentar que “obviamente as mulheres são seres humanos” e nunca vão levar em consideração — ou vão até mesmo desprezar por completo — a opressão estrutural e sistemática que as mulheres enfrentam em uma sociedade patriarcal, essa sociedade que classifica os indivíduos do sexo feminino como sendo inferiores aos homens, ou seja, como se fossem seres humanos inferiores. Do outro lado, é bem provável que a gente encontre as pessoas que concordam que, sim, as mulheres são seres humanos, mas que, embora objetivamente seja este o caso, esta condição ainda não se reflete na nossa sociedade.

Quando eu era um jovem adolescente, na transição de um milênio para o outro, eu desconhecia totalmente o que queria dizer o conceito de



brutais para os homens, e sim impedir que tais violências aconteçam a qualquer outro ser humano.

Ao mesmo tempo, as feministas não querem apenas criar uma sociedade mais igualitária para as mulheres, elas também lutam pelos direitos dos homens. O feminismo é, na verdade, positivo para os homens, porque busca curar os indivíduos e remover as pressões que a sociedade patriarcal impõe a todos nós, em especial os falsos dogmas e as imposições da masculinidade, além de atuar contra a generalizada destruição política e social que o patriarcado provoca: uma destruição que potencializa os casos de colapso mental, e que amplamente se relaciona com a proporção alarmante de suicídios entre os homens.

Não à toa, em sua performance *Prometheus vol. 3*, lançada em agosto de 2018, o popular comediante escocês Frankie Boyle diz o seguinte a respeito do feminismo:

Vou dizer honestamente a vocês o que eu acho do feminismo... Eu acho de verdade que, se você for um cara jovem hoje em dia, o feminismo é a única coisa que oferece um plano. O capitalismo está pouco se fodendo pra você, e o materialismo não tá nem aí pra saber se você tá vivo ou morto. O feminismo inclui você. E, quando eu vejo uns caras, ainda mais os jovens, atacando o feminismo, sabe o que isso me parece? Parece quando os bombeiros vão em algum conjunto habitacional bem barra-pesada e são apedrejados. É isso que você está fazendo, você está apedrejando os serviços de resgate.

Quando tivermos mais mulheres inseridas no mercado de trabalho e quando homens e mulheres receberem o mesmo salário pelo mesmo tipo de serviço, a mudança não vai apenas aquecer a economia, é também um movimento que vai remover do homem a pressão de ser o único provedor da família (um papel previsto pelo patriarcado), dando mais autonomia tanto aos homens quanto às mulheres. E, nesse processo todo, outras áreas importantes podem ser afetadas. Muita gente não sabe, por exemplo, mas ativistas feministas lançaram em 2011 uma campanha chamada *Rape is rape* (“Estupro é estupro”), exigindo das autoridades uma nova definição que refletisse as realidades do estupro, incluindo a violência sexual sofrida por meninos e homens, já que a classificação